



SEÇÃO: VARIA

A importância da técnica dentro da psicanálise e as críticas de Heidegger deste tecnicismo reducionista do Dasein

The importance of technique within psychoanalysis and Heidegger's criticisms of this reductionist technicism of Dasein

José Jacques dos Santos¹

orcid.org/0000-0002-7807-9076
josejacques888@gmail.com

Recebido em: 24/04/2022.

Aprovado em: 05/07/2022.

Publicado em: 14/09/2022.

Resumo: Mostraremos que as críticas de Heidegger acerca das teorias freudianas e até mesmo da metodologia psicanalítica, partem de um certo desconhecimento do filósofo de que Freud está lidando com o fenômeno do *setting* analítico e este se impõe como o elemento fundamental da psicanálise. O aprimoramento e o refinamento da técnica é o objetivo máximo da psicanálise. O reducionismo mecânico dos fenômenos psíquicos se sustenta no fato da psicanálise ser, necessariamente, uma práxis. Discorreremos que o constructo heideggeriano *Dasein* incorpora uma nova maneira de pensar o homem e seu mundo. O conceito de ser-no-mundo retrabalha a posição do ser humano, consequentemente, modificando os conceitos de psique, psicologia e consciência. Isso dará substrato maior ao trabalho importante de Freud de questionar os limites dos conceitos da lógica pura e soberana. Mas, ao mesmo tempo, abre o campo da possível desconstrução da objetivação da psique. A desconstrução também atinge a possibilidade do repensar toda a mitologia metafísica presente na metapsicologia freudiana. Propomos que haverá um encontro de ambos os autores que vagam por vias diferentes. Freud questiona a primazia da lógica e suas limitações ao propor o funcionamento da lógica do inconsciente. Heidegger questiona também essa lógica vigente, chegando a reformular os próprios paradigmas que sustentam tanto a metafísica quando a cientificidade. A conclusão aqui apresentada seria que ambos os autores pensam de forma crítica a psique humana e a consciência. Freud parte de seu trabalho clínico, da necessidade de lidar com o fenômeno do inconsciente e de teorizar conceitos e um método para lidar com ele. Heidegger, de outro extremo, parte para uma reformulação crítica de todo o campo dos fenômenos psicológicos: a consciência, a cura, a doença etc. Evita, no entanto, cair em um reducionismo desses fenômenos, como acontece quando eles são objetos manipuláveis na mecânica da técnica psicanalítica.

Palavras-chave: Heidegger. Freud. Dasein. Inconsciente.

Abstract: We will show that Heidegger's criticisms of Freudian theories and even of psychoanalytic methodology stem from a certain lack of knowledge on the part of the philosopher that Freud is dealing with the phenomenon of the analytic setting and this is imposed as the fundamental element of psychoanalysis. The improvement and refinement of technique is the ultimate goal of psychoanalysis. The mechanical reductionism of psychic phenomena is based on the fact that psychoanalysis is, necessarily, a praxis. We argue that the Heideggerian construct Dasein incorporates a new way of thinking about man and his world. The concept of being-in-the-world reworks the position of the human being, consequently modifying the concepts of psyche, psychology and consciousness. This will give greater support to Freud's important work of questioning the limits of the concepts of pure and sovereign logic. But at the same time, it opens the field of possible deconstruction of the objectification of the psyche. Deconstruction also reaches the possibility of rethinking the entire metaphysical mythology present in Freudian metapsychology. We propose that there will be a meeting of both authors who wander through different paths. Freud questions the primacy of logic



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo-RS, Brasil.

and its limitations, by proposing the functioning of the logic of the unconscious. Heidegger also questions this current logic, going so far as to reformulate the very paradigms that support both metaphysics and scientificity. The conclusion presented here would be that both authors think critically about the human psyche and consciousness. Freud starts from his clinical work, from the need to deal with the phenomenon of the unconscious and to theorize concepts and a method to deal with it. Heidegger, from the other extreme, sets out for a critical reformulation of the entire field of psychological phenomena: consciousness, healing, illness, etc. However, he avoids falling into a reductionism of these phenomena, as happens when they are manipulable objects in the mechanics of psychoanalytic technique.

Keywords: Heidegger. Freud. Dasein. Unconscious.

Introdução

Heidegger estabelece uma crítica ao método de Freud porque ele estaria trabalhando os fenômenos na esfera da produção de suposições. Freud estaria fazendo suposições sobre forças desconhecidas, que estariam provocando os atos falhos, por exemplo.

Ou seja, se produz uma suposição que viria a explicar o fenômeno que está produzindo este ato falho. Heidegger coloca a questão de que a suposição de Freud não necessita ser verdadeira, contanto que ela dê conta de ser uma explicação para o que aconteceu. Contanto que ela seja explicativa, não há necessidade de ela ser provada com exatidão objetiva.

A hipnose já havia provado que existia uma corrente de pensamentos que não faziam parte da consciência, mas que estavam lá agindo e fazendo seus efeitos. A sugestão hipnótica inclusive se baseava em pensamentos que eram postos em movimento na mente do sujeito sem que sua consciência se desse conta que esses pensamentos estavam lá.

Essa segunda corrente de pensamentos, subterrânea, já é um fenômeno amplamente provado, não pela psicanálise, mas pelo próprio método da hipnose. Obviamente que Freud utiliza este fenômeno e o teoriza de forma profunda para construir sua metodologia da prática psicanalítica. Freud não está criando uma suposição de um campo de pensamentos fora da consciência, ele reformula esse fenômeno em um constructo chamado inconsciente para poder manejá-lo com

seu método de tratamento

Na medida em que a psicopatologia recuperada e ampliada tinha que trabalhar com os processos inconscientes e os diversos sinais pelos quais eles se fazem sintoma era, no entanto, necessário que cada uma dessas vias metodológicas sofresse uma espécie de complicação ou talvez lhe fosse incorporada uma estrutura paradoxal para que levassem ao objeto da pesquisa e mostrassem a adequação do método ao objeto (STEIN, 1997, p. 52-53).

Tudo isso podemos situar como sendo anterior aos trabalhos freudianos. Será a herança que Freud virá receber das elucubrações tecidas por Charcot e todo o grupo que trabalha no campo da técnica hipnótica. Este é o nascer da metapsicologia freudiana, uma mitologia que muito lhe é muito própria

O uso de mitologias não é algo que impugna a cientificidade natural da psicanálise, ao invés, é algo que lhe assegura essa identidade. A metapsicologia é a grande fonte geradora de conceitos que não possuem realidade empírica e funcionam como ficções frutíferas para organizar os dados oriundos da clínica. Ou seja, a metapsicologia é, para Freud, uma ferramenta com alta capacidade explicativa. E, mesmo sendo um celeiro de conceitos ficcionais, lhe é imprescindível (FERREIRA, 2017, p. 133-134).

Não seria justo tomar um tom de acusação aqui, haja visto que o próprio fundador da psicanálise admite a mitologia de suas elocubrações. A psicanálise, como herdeira da hipnose, nascerá sobre um aprimoramento e refinamento do seu método de trabalho. Como o próprio Heidegger corretamente analisa, ela é, em sua essência uma técnica. A mitologia freudiana carece de verificação empírica e isso não é negligenciado nem negado por Freud. Sua metapsicologia é produzida com recursos que são oferecidos pelo próprio método científico. Neste sentido, nem Freud ou a comunidade científica poderiam estabelecer até que ponto a psicanálise realmente se afasta do campo das ciências, pois a definição dos postulados que classificam uma prática como científica ou distante dela seria uma tarefa que cabe a filosofia, que tem essa visão mais abrangente de um "todo" do campo do conhecimento humano

Sua metapsicologia nada teria de pseudocientífica ou não-científica, afinal, foi construída utilizando os mesmos recursos "mitológicos", "convencionalistas" e "analógicos" utilizados para a produção de conceitos como força, massa, átomo, etc. Os conceitos metapsicológicos de "aparelho psíquico" "pulsão", "inconsciente" foram construídos sem almejar uma ruptura com o modelo científico-natural. Estas especulações foram erguidas em afinidade com a autoridade epistemológica do físico Ernest Mach e do programa kantiano para a ciência da natureza, aperfeiçoado pelo neokantiano Hans Vaihinger (FERREIRA, 2017, p. 138-139).

O que será construído com uma supervisão bastante rigorosa é a utilização de sua técnica, explícita no *setting* analítico do tratamento das psicopatologias. A direção terapêutica de tratamento indica que todo o corpo teórico psicanalítico está voltado para o alívio e a diminuição do chamado sofrimento psíquico. Sabemos que Freud cobra de seus analistas um rigor ético de abstenção sem igual. Parece haver uma posição de que podemos agir de uma forma mais livre no tecer dessas conjecturas que vão compor a metapsicologia ao passo que a aplicação do método psicanalítico nos pacientes passa por uma supervisão inflexível. A rigorosidade da posição do analista demonstra o ponto principal onde Freud dedicou sua maior atenção

Se os avanços da paciente fossem retribuídos, isso constituiria grande triunfo para ela, mas uma derrota completa para o tratamento. Ela teria alcançado sucesso naquilo por que todos os pacientes lutam na análise - teria tido êxito em atuar (*acting out*), em repetir na vida real o que deveria apenas ter lembrado, reproduzido como material psíquico e mantido dentro da esfera dos eventos psíquicos. No curso ulterior do relacionamento amoroso, ela expressaria todas as inibições e reações patológicas de sua vida erótica, sem que houvesse qualquer possibilidade de corrigi-las; e o episódio penoso terminaria em remorso e num grande fortalecimento de sua propensão à repressão (FREUD, 1996, p.104).

Heidegger analisa com maestria a postura paradigmática que Freud escolheu para criar seu método. Todo o teor da obra de Freud confirma a visão do filósofo, ao mesmo tempo que a sinceridade de Freud torna as críticas heideggerianas uma outra coisa, uma correta interpretação dessa postura.

Isso significa que Freud tem que atender seus pacientes, eles têm que obter uma melhora de seu sofrimento psíquico e ele precisa validar de alguma forma que esses pacientes obtiveram uma melhora através do método da psicanálise. Existe uma escolha paradigmática de prevalência da eficácia da técnica, feita pelo fundador da psicanálise.

Se dissermos que os benefícios terapêuticos da psicanálise não são medidos de forma quantitativa, que o psicanalista não prova na forma de um experimento científico que houve benefícios - não da mesma forma que um cientista prova a existência da bactéria por exemplo - isso não significa que qualquer resposta, qualquer suposição possa ser válida.

A situação transferencial é o lugar onde emerge toda a massa de que se serve o pesquisador (psicanalítico). Há uma lógica da descoberta sustentando no nível epistemológico a relação transferencial. Porém, somente para o pesquisador se torna possível a lógica da justificação que dá conta sistematicamente dos momentos da situação transferencial (STEIN, 1997, p. 55).

Freud, em toda sua obra, produz um conceito próprio do que seja o seu inconsciente. No começo, ele tem a seu dispor a ferramenta do método da hipnose, que já lhe dá um conceito de inconsciente. Ele vai modificar este conceito e englobar outras coisas, a tal ponto que será um conceito praticamente novo, embora suas raízes sejam advindas da hipnose.

Nesses tratamentos hipnóticos, o processo de recordar assumia forma muito simples. O paciente colocava-se de volta numa situação anterior, que parecia nunca confundir com a atual, e fornecia um relato dos processos mentais a ela pertencentes, na medida em que permaneciam normais; acrescentava então a isso tudo o que podia surgir como resultado da transformação dos processos, que na época haviam sido inconscientes, em conscientes (FREUD, 1996, p. 92).

O inconsciente surgiu como um fenômeno que era necessário ser tratado na resolução das psicopatologias. É preciso esclarecer que as considerações de Heidegger acerca da psicanálise partem de sua visão como filósofo. Isso representa que, para ele, haveria uma grande facilidade em

tecer todo um corpo teórico que desse conta da fenomenologia e posterior metafísica da explicação deste fenômeno tão proeminente na clínica. Freud, no entanto, necessita trabalhar o fenômeno dentro da via da técnica que busque a resolução das psicopatologias. Seu conceito de inconsciente, por exemplo, visa dar conta de um campo regido pelo que ele denominou de princípio do prazer

O primeiro exemplo do princípio de prazer a ser assim inibido é familiar e ocorre com regularidade. Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo *princípio de realidade* (FREUD, 1996, p. 7, grifo do autor).

Cabe notar que neste princípio do prazer o objeto almejado já está em um campo propriamente metafísico. Por isso ele é contrário ao funcionamento de autopreservação do ego, porque a busca desse prazer, ao ir à beira de seus limites, pode ultrapassar a própria manutenção da vida. O princípio de realidade surge como um limite para impedir o organismo de encontrar a morte, embora esse objeto último do prazer parece se situar em um além da vida.

A imposição da primazia do atendimento clínico

Atrás de Freud tem toda uma história do atendimento de pacientes e do tratamento de doenças mentais. Todas essas práticas que vêm da psiquiatria e da psicologia são uma herança de Freud. Ele vai criar um método radicalmente diferente, por isso a psicanálise surge como algo nunca visto em sua radicalidade no tratamento desses pacientes que possuem um sofrimento psíquico. Mas Freud está inserido em uma tradição onde as pessoas se queixam de problemas psíquicos – tendo ou não uma base orgânica – e se busca um tratamento eficaz para aliviar seu sofrimento.

O outro grupo de processos psíquicos - fantasias, processos de referência, impulsos emocio-

nais, vinculações de pensamento - que, como atos puramente internos, não podem ser contrastados com impressões e experiências, deve, em sua relação com o esquecer e o recordar, ser considerado separadamente. Nestes processos, acontece com extraordinária frequência ser 'recordado' algo que nunca poderia ter sido 'esquecido', porque nunca foi, em ocasião alguma, notado - nunca foi consciente (FREUD, 1996, p. 92).

Penso que com isto, com essa dimensão da clínica, invalida-se o argumento de que são meras suposições. O princípio do argumento freudiano é que as suposições nascem do discurso do paciente (de sua fala) e retornam a ele nas interpretações ou pontuações, entre outros recursos técnicos. É uma mitologia muito funcional, porque todo o arcabouço teórico psicanalítico passa por um mecanicismo de ponta a ponta.

Se entendermos o termo suposição de Heidegger por ineficiência, não haveria uma melhora terapêutica destes pacientes. Embora a terapêutica não seja algo quantificável e empírico de todo, ela também pode ser verificável nas modificações de padrões comportamentais que o sujeito utiliza para lidar com o mundo. A visão mecanicista insere a patologia não mais no paciente em si, mas na sua relação com o analista, ou mais precisamente, no analista imbuído da figura de autoridade. A psicopatologia movimenta-se no relacional de dois polos. O rigor ético da aplicação da técnica deixa claro que é necessário a manutenção do analista como uma certa figura de autoridade. Novamente, vemos aqui a herança do método hipnótico que não funciona sem que o hipnotizador seja considerado suposta figura de autoridade. A emergência do fenômeno inconsciente ocorre dentro dessa relação dual paciente-analista

Por exemplo, o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico. Não se recorda de como chegou a um impotente e desesperado impasse em suas pesquisas sexuais infantis; mas produz uma massa de sonhos e associações confusas, queixa-se de que não consegue ter sucesso em nada e assevera estar fadado a nunca levar a cabo o que empreende. Não se recorda de ter-se envergonhado intensamente de certas atividades sexuais e de ter tido medo de elas serem descobertas; mas de-

monstra achar-se envergonhado do tratamento que agora empreendeu e tenta escondê-lo de todos. E assim por diante (FREUD, 1996, p. 93).

A repetição de que Freud nos fala, representa uma espécie de padrão de comportamento desenvolvido há muito tempo, que perde sua eficácia quando saímos da infância. Por sair da infância, entenda-se mudar dessa situação de ser criança para um modo de ser adulto. Esse processo de maturação do homem, Freud está considerando que não está ocorrendo completamente, porque permanece um comportamento infantil dentro de um comportamento adulto. O sujeito não percebe este comportamento como sendo algo que foi necessário em um dado ponto de seu desenvolvimento e que agora deveria ter se transformado em outra coisa. Por inconsciente, Freud está conjecturando que as bases originárias deste comportamento que o justificam ficaram lá atrás na infância. A terapêutica parece consistir em um retorno o mais longe possível da origem desses processos mentais que estruturam um determinado padrão comportamental. Ao chegar-se lá, esses processos desaparecem quando existe uma espécie de compreensão de porque eles foram necessários, mas não o são mais no momento presente.

Como foi citado, não se quantifica esta melhora em termos de uma validação científica propriamente dita. Mas isso, como disse, faz com que o rigor da avaliação da terapêutica seja ainda mais necessário. Exemplificando, não basta o paciente dizer que não sente mais uma raiva incontida do analista, mas ele tem que agir em relação ao analista sem ele observar que essa raiva esteja aí presente

Via de regra, há uma combinação de ambos os fatores, o constitucional e o acidental. Quanto mais forte for o fator constitucional, mais prontamente um trauma conduzirá a uma fixação deixando atrás de si um distúrbio desenvolvimental; quanto mais forte for o trauma, mais certamente seus efeitos prejudiciais se tornarão manifestos, mesmo quando a situação instintual é normal. Não há dúvida de que uma etiologia do tipo traumático oferece, de longe, o campo mais favorável para a análise (FREUD, 1996, p. 142).

Certos aspectos de sua vida também têm que

se mover na direção de que ele esteja lidando melhor com sua vida do que lidava antes Freud há muito já havia abandonado o conceito de cura da patologia. Não se cura uma neurose ou uma psicose.

O que se busca é transformar, modificar aquela patologia em alguma outra coisa que permita ao paciente diminuir seu sofrimento psíquico e ter uma vida mais plena. Um neurótico não deixará de ser neurótico. O conceito de ser curado vai ser modificado pelo conceito de ele poder viver de uma forma mais tranquila e satisfatória. Será uma cura no sentido de que será minimizado o sofrimento psíquico e ele poderá lidar melhor com sua vida cotidiana

A discussão do problema técnico de saber como acelerar o lento progresso de uma análise nos conduz a outra questão, mais profundamente interessante: existe algo que se possa chamar de término de uma análise - há alguma possibilidade de levar uma análise a tal término? A julgar pela conversa comum dos analistas, assim pareceria ser, já que frequentemente os ouvimos dizer, quando deploram ou desculpam as imperfeições reconhecidas de algum mortal seu colega: 'Sua análise não foi terminada' ou 'ele nunca se analisou até o fim' (FREUD, 1996, p. 141).

Mas que não se pense que Freud responde a isso com uma espécie de busca de um nirvana abstrato. Freud é bem direto e sincero em sua resposta sobre o que seria um fim de análise. Fim como término, mas fim também como direção de busca:

Isso acontece quando duas condições foram aproximadamente preenchidas: em primeiro lugar, que o paciente não mais esteja sofrendo de seus sintomas e tenha superado suas ansiedades e inibições; em segundo, que o analista julgue que foi tornado consciente tanto material reprimido, que foi explicada tanta coisa ininteligível, que foram vencidas tantas resistências internas, que não há necessidade de temer uma repetição do processo patológico em apreço. Se se é impedido, por dificuldades externas, de alcançar esse objetivo, é melhor falar de análise incompleta, de preferência a análise inacabada (FREUD, 1996, p. 141).

Freud dará uma resposta clara ao que se busca no tratamento psicanalítico. A "cura" terapêutica é por ele descrita em seus mínimos detalhes

nas engrenagens do funcionamento da psique. A descrição dessas interações entre as instâncias (ego, Id e Superego) determina uma "cura" muito bem clarificada

Todo analista já terá tratado de alguns casos que apresentaram esse gratificante desfecho. Ele teve êxito em aclarar o distúrbio neurótico do paciente, esse distúrbio não retornou, nem foi substituído por alguma outra perturbação do mesmo tipo. Tampouco nos achamos sem compreensão interna (insight) dos determinantes desses sucessos. O ego do paciente não foi notavelmente alterado e a etiologia de seu distúrbio foi essencialmente traumática. A etiologia de todo distúrbio neurótico é, afinal de contas, uma etiologia mista. Trata-se de uma questão de os instintos serem excessivamente fortes - o que equivale a dizer, recalcitrantes ao amansamento por parte do ego - ou dos efeitos de traumas precoces (isto é, prematuros) que o ego imaturo foi incapaz de dominar (FREUD, 1996, p. 142).

Os limites do tratamento psicanalítico estão ligados ao fato de que há um conflito de esferas psíquicas que, mesmo sendo resolvido a contento na análise, é meio ingênuo pensar que este não pode regressar no futuro patologicamente. Não há uma garantia vitalícia de cura, por assim dizer, porque o conflito não é resolvido eternamente. O paciente pode "inventar" formas originais de solução deste conflito. Mas querer que o conflito desapareça e não cause nenhum mal-estar é ilusão.

A metapsicologia freudiana

Haverá toda uma produção teórica freudiana que representa um lado mais abstrato e filosófico, digamos assim, de Freud. Como diz Stein, é a erotização da importância das suas ideias. As descobertas clínicas vão lhe permitir propor novos conceitos e pensar de forma renovada o que são as psicopatologias e seu tratamento.

Freud, de um lado, precisava dar conta dos fenômenos que observava no universo de sua clínica. Ele buscava clareza para aquilo que se lhe apresentava como fenômenos até aí inusitados, e as surpresas de Freud, as descobertas que ele comunica compulsivamente a Fliess e eventualmente a outros, revelando justamente essa espécie de auto erotização do seu universo teórico (STEIN, 1997, p. 63).

Mas Freud também necessita demonstrar a validade de seus trabalhos perante seus pares. Isso significa demonstrar aos profissionais da saúde a qualidade de sua metodologia. Defender a psicanálise não seria apenas defender um ponto de vista de onde ele constrói seus conceitos, mas é a defesa de toda sua clínica e dos benefícios terapêuticos de seu método. Ele precisa mostrar e comprovar que os doentes obtiveram um alívio do seu sofrimento clínico. Cabe lembrar que o público-alvo de Freud são médicos e cientistas que, via de regra, cobram uma mudança vista a olho nu na patologia que o paciente apresentava. Essa mecanicidade oriunda das ciências de uma certa cobrança empírica da terapêutica, parece explicar porque a psicanálise freudiana opta por esse caminho. A comunidade científica são as autoridades às quais Freud necessita prestar contas

O outro motivo pelo qual Freud desenvolveu conceitos metapsicológicos, que se tornaram conceitos padrões dentro da psicanálise, foi a necessidade de prestar contas ao público culto no universo científico, ou seja, poder participar da discussão científica através da defesa da psicanálise. Portanto, podemos observar razões pelas quais foi produzido um universo conceitual do qual Freud foi necessitando progressivamente. Estas as razões: dar conta da clínica e prestar contas diante do público científico (STEIN, 1997, p. 63).

Heidegger inclusive comenta sobre este lugar onde não há a necessidade de provas no sentido objetivo (objetificando) e que, no entanto, não quer dizer que não se possa fazer uma fundamentação rigorosamente bem estabelecida:

Deve-se diferenciar rigorosamente onde precisamos exigir e procurar provas e onde elas não são necessárias e onde, apesar disto, existe a forma mais elevada de fundamentação. Nem toda fundamentação pode e deve ser um provar, pelo contrário, todo provar é uma espécie de fundamento. Aristóteles já dizia: 'é ignorância não reconhecer em relação a que é necessário procurar provas e em relação a que isto não é necessário'. Se houver a compreensão desta diferença é sinal de que somos criados e formados para o pensar. Quem não tem esta compreensão não é criado nem formado para a ciência (HEIDEGGER, 2001, p. 35).

A linha de crítica que Heidegger está estabelecendo diz respeito ao fato de que Freud está

observando vários fenômenos e seu método está colocando as suposições produzidas acerca destes fenômenos como o ponto principal da busca da terapêutica. Heidegger situa que a verdade, para Freud, não está em um campo da fenomenologia. A verdade está em um campo de especulações que são tecidas para justificar os fenômenos que se observa. Nas palavras de Heidegger

Discussão entre a observação psicodinâmica e daseinanalítica do homem: sobre o que se delibera e se decide? Sobre a determinação do ser no ente, que nós mesmos. Que ser vemos em primeiro lugar? Em relação a quê, segundo Freud, os fenômenos devem retroceder perante as suposições? Em relação ao que se toma como real e como ente: só é real e verdadeiro aquilo que pode ser subordinado a ininterruptas conexões causais de forças psicológicas, na opinião de Freud (HEIDEGGER, 2001, p. 36).

Como foi dito acima, não podemos perder de vista que o trabalho de Freud é, primeiramente, a terapêutica de um sofrimento que o paciente traz. Traduz-se isso por uma objetificação do fenômeno na conjectura, pois essa é mais manejável na técnica.

Toda a construção teórica do que seria o aparelho psíquico advém das observações dos fenômenos que aparecem na clínica. A questão sexual não é uma escolha temática para as interpretações de Freud por acaso, ela vem dos fenômenos da movimentação dos instintos, que *a posteriori* Freud produzirá o conceito de pulsão, para diferenciar de algo biológico animal para algo já diferenciado característico do ser humano

Em primeira instância, a análise das neuroses de transferência forçou à nossa observação a oposição entre os 'instintos sexuais', que se dirigem para um objeto, e certos outros instintos, com os quais nós achamos insuficientemente familiarizados e que descrevemos provisoriamente como 'instintos do ego'. Um lugar de proa entre estes foi necessariamente concedido aos instintos que servem à auto conservação do indivíduo. Foi impossível dizer que outras distinções deveriam ser traçadas entre eles. Nenhum conhecimento seria mais valioso como base para uma ciência verdadeiramente psicológica do que uma compreensão aproximada das características comuns e dos possíveis aspectos distintivos dos instintos, mas em nenhuma região da psicologia tateamos mais no escuro (FREUD, 1996, p. 34).

A resposta de Freud ao questionamento de Heidegger é bastante simples: a dita "suposição" construída como interpretação, por exemplo, necessita dar conta do fenômeno ao qual está ligada. Ou seja, uma interpretação tem que demonstrar como se formou um sintoma e como ele se tornou algo permanente que varia muito pouco ao longo do tempo. A interpretação explica o fenômeno observado, mas até aí o filósofo está correto em dizer que uma suposição explicativa está colocada como acima do fenômeno. No entanto, a interpretação não apenas explica o fenômeno em questão, ela tem que tocar em um determinado ponto que faça com que aquele fenômeno seja dissolvido. Uma boa interpretação vai ter como efeitos a dissolução de um sintoma a muito instaurado. Isso é definido por Freud como a terapêutica da psicanálise. É um reducionismo do fenômeno, mas em vistas de atingir um objetivo terapêutico específico.

A importância da sexualidade no funcionamento da psique

É interessante apontar que Heidegger, em seus profundos estudos sobre a existência humana, deixa a questão da sexualidade de lado. Isso é escandaloso, já que, em contrapartida, Freud não pode fazer isso, pois o sexual lhe interroga desde o começo dos seus atendimentos clínicos.

Interessante que Freud mesmo constata o quão pouco a ciência tem auxiliado ao entendimento da sexualidade. Não seria um grande problema, se as psicopatologias não estivessem enraizadas profundamente nas questões sexuais

À parte isso, a ciência tem tão pouco a nos dizer sobre a origem da sexualidade, que podemos comparar o problema a uma escuridão em que nem mesmo o raio de luz de uma hipótese penetrou. Em outra região, inteiramente diferente, é verdade, defrontamo-nos realmente com tal hipótese, mas é de tipo tão fantástico, mais mito do que explicação científica, que não me atreveria a apresentá-la aqui se ela não atendesse precisamente àquela condição cujo preenchimento desejamos, porque faz remontar a origem de um instinto a uma necessidade de restaurar um estado anterior de coisas (FREUD, 1996, p. 38).

Freud constata a força das pulsões sexuais

como um desejo de unir-se, tornar-se um. Uma espécie de busca de completude. A sexualidade assim busca um objeto faltante. O sexual impele para uma união que atingiria uma espécie de estado de satisfação onde essa falta seria suprimida. Lacan, *a posteriori*, levará mais adiante estes trabalhos iniciais de Freud.

Note-se que Freud vai encontrar um corpo teórico que descreve este funcionamento do sexual, não dentro do conhecimento científico, mas em uma mitologia. Será uma teoria platônica que sai da boca de Aristófanes, sobre o mito da diferenciação dos sexos

O que tenho no espírito é, naturalmente, a teoria que Platão colocou na boca de Aristófanes no *Symposium* e que trata não apenas da origem do instinto sexual, mas também da mais importante de suas variações em relação ao objeto. 'A natureza humana original não era semelhante à atual, mas diferente. Em primeiro lugar, os sexos eram originalmente em número de três, e não dois, como são agora; havia o homem, a mulher, e a união dos dois [...] tudo nesses homens primeiros era duplo: tinham quatro mãos e quatro pés, dois rostos, duas partes pudendas, e assim por diante. Finalmente, Zeus decidiu cortá-los em dois, 'como uma sorva que é dividida em duas metades para fazer conserva'. Depois de feita a divisão, 'as duas partes do homem, cada uma desejando sua outra metade, reuniram-se e lançaram os braços uma em torno da outra, ansiosas por fundir-se' (FREUD, 1996, p. 38-39).

Os mitos são extremamente importantes para Freud. Ele sempre considerou que a mitologia, com suas construções fantásticas, consegue pegar excelentes porções da verdade que, muitas vezes, escapa mesmo ao cientista mais arguto.

Heidegger, como vimos, não trabalha as questões sexuais. Mas Platão já percebe e problematiza essa força de atração que faz os diferentes sexos se unirem. Esse mito trazido por Aristófanes, tem as pinceladas aberrantes das fábulas fantásticas. Mas por mais ridícula que seja a fábula, ela é uma tentativa de explicar um fenômeno que já está chamando a atenção dos gregos, a força e o poder da atração que faz os sexos se unirem.

Esse trecho escolhido por Freud permite ver a importância da mitologização que ele fará na busca da compreensão da energia sexual. Pelo caminho do mito metafísico se constrói um conceito de energia, um objeto científico bem físico.

Assim Freud descreverá depois essa energia refinada em energia psíquica, apresentada em um modelo topológico de deslocamentos mecânicos de catexias. Aqui a mecânica dos conflitos, das atrações, das repulsas dos corpos: o sexual estabelece todo um campo de deslocamento energético. Se está contido ali no relato de Platão do *Banquete*, demonstra que os gregos já conheciam e se intrigavam com este fenômeno energético.

A psicanálise como fundamentalmente uma técnica

Freud está desenvolvendo seu método de tratamento do sofrimento psíquico dos pacientes sem, no entanto, construir um sistema de conceitos e paradoxos que garanta uma compreensão mais clara do que está ocorrendo nesses fenômenos que surgem na clínica. Certamente Freud tem sua metapsicologia para explicar e sustentar sua prática clínica e os resultados que ele está obtendo com seu método. Mas ao mesmo tempo Freud não está produzindo todo um conjunto de paradigmas e não está reformulando paradigmas já instaurados, como Heidegger está fazendo

Boss explicitou muito bem a principal objeção que Heidegger faz aos escritos metapsicológicos de Freud: o determinismo, de origem metafísica. Boss também determinou com precisão a natureza geral de uma leitura heideggeriana da psicanálise: esta deve ser feita no mesmo estilo que a desconstrução da metafísica. Isso significa que a metapsicologia deve ser entendida, ela mesma, como um exemplo do uso da metafísica a ser desconstruída (LOPARIC, 1988, p. 27).

Freud não vai pelo caminho de estabelecer uma crítica da lógica vigente para então propor uma reformulação desta ou o acréscimo da lógica do inconsciente na formulação filosófica do conhecimento humano. Ele vai produzir toda uma construção teórica para dar conta de uma metodologia que ele está refinando aos poucos no atendimento clínico, na busca da melhor terapêutica.

A irreducibilidade do constructo *Dasein*

As andanças de Heidegger vão lhe fazer refor-

mular vários destes conceitos que estão reinando até então na psicologia. Com isso, vem o advento do seu famoso constructo do *Dasein*, uma ferramenta valiosíssima para o conhecimento humano

Todas as representações encapsuladas objetivantes de uma psique, um sujeito, uma pessoa um eu, uma consciência, usadas até hoje na Psicologia e na Psicopatologia, devem desaparecer na visão daseinanalítica em favor de uma visão completamente diferente. A constituição fundamental do existir humano a ser considerada daqui em diante se chamará '*Da-sein*' ou '*ser-no-mundo*'. Entretanto esse *Da* não significa, como acontece comumente, um lugar no espaço próximo do observador. O que o existir como *Da-sein* significa é um manter aberto de um âmbito de poder-apreender as significações daquilo que aparece e que se lhe fala a partir da sua clareira. O *Da-sein* humano como âmbito de poder-apreender nunca é um objeto simplesmente presente. Ao contrário, ele não é de forma alguma e em nenhuma circunstância, algo passível de objetivação (HEIDEGGER, 2001, p. 33).

Veja que a citação de Heidegger demonstra seu lugar como filósofo na busca de fazer uma radical modificação metafísica, que vai atingir conceitos psicológicos vigentes até então. Não é o caminho de Freud. Ele cria seu método, sua metapsicologia própria. Ao contrário do filósofo da floresta negra, que altera radicalmente todo o campo da compreensão da metafísica e das ciências

Não se trata mais de definir um conceito ontologicamente verdadeiro da metafísica ou da ciência a partir do compreender pré-metafísico e pré-científico. A tarefa, agora, é a de *substituir* o modo de pensar metafísico e científico em geral por um modo de pensar novo, *não* metafísico *nem* científico, e, nesse sentido, ultrapassar a *teorização* metafísica e científica enquanto tal (LOPARIC, 1988, p. 28, grifo do autor).

Por isso que o olhar do filósofo vai abrir um outro campo não percorrido pela psicanálise. O constructo *Dasein* vai dar uma outra concepção ao termo psicologia. O *Dasein* será essa abertura do ser onde ele se presentifica. O *Da*, o aí, sugere uma certa espacialidade. O *Sein*, que será o ser, surge dentro deste lugar que não é propriamente um lugar. É uma abertura, clareira. Heidegger diz que o *Da* não é próximo ao observador. Isso já está nos trabalhos iniciais de Heidegger segun-

do Loparic: "Já na sua primeira fase, Heidegger faz ver que o homem não é nem a mente, nem o corpo, nem uma união qualquer de mente e corpo, nem mesmo um processo natural causal. O homem não é coisa alguma, ele apenas *acontece*" (LOPARIC, 1988, p. 38, grifo do autor).

Ou seja, ali onde um fenômeno surge desta presentificação desse ser, não parece que é algo que possa ser observado com exatidão. O objeto apreendido, tanto pela psicologia quanto pela psicanálise, é apenas um reducionismo do *Dasein*, que será este elemento que Heidegger faz subir ao palco onde pode surgir o campo da compreensão. A busca da compreensão das coisas e da compreensão de sua própria existência é um fenômeno que o filósofo está situando como *Dasein*. Tudo o que comumente chamamos como o sentido da vida, as possibilidades do homem de transformar seu mundo, a própria imagem interpretativa que o homem faz do que é o mundo, são potencialidades que somente o ente *Dasein* pode ter:

O *Dasein* é o único ente capaz de compreender a si mesmo, e essa compreensão se dá na medida em que é, em que exerce o seu existir. Ele é um ente ontológico porque traz em si o sentido de ser, e é pré-ontológico por já ter uma (pré) compreensão desse sentido, uma compreensão antes mesmo de poder teorizá-la, o que Heidegger chama de uma compreensão pré-teórica. O *Dasein* é o único ente a possuir um sentido, o único capaz de criar, desejar, construir, destruir, e tudo mais que demonstre sua total interação com a própria existência, o que não é possível nos demais entes (ARAUJO, 2014, p. 203).

Com o constructo *Dasein*, Heidegger está situando o homem em um outro lugar. Se vulgarmente era considerado que o homem estava ali onde ele exercia seu poder e controle do seu raciocínio lógico sobre um mundo externo, isso agora já não é verdade. A razão lógica assume um lugar de supremacia que desqualifica tudo que não atenda a seus pressupostos que fixam os princípios da certeza racional. Heidegger tem as mesmas reservas contra essa supremacia da razão

Isto jamais poderá ser decidido a partir do tribunal da ratio. Ela não é absolutamente um juiz jus-

to. Sem vacilar ela rejeita tudo o que não se lhe adapta e o empurra para o presumido pântano do irracional, delimitado, de resto, pela própria razão. A razão e a sua representação constituem apenas uma maneira de pensar e de nenhum modo são determinadas por si mesmas, mas por aquilo que ordenou ao pensamento pensar à maneira da ratio (HEIDEGGER, 1969, p. 16-17).

O raciocínio lógico ainda permanece como ferramenta fundamental. Mas vemos que o filósofo coloca um elemento como anterior a tudo. É um elemento indeterminado de onde surgem coisas originais.

O estar-aí de que fala Heidegger é algo que sempre necessariamente precede a teorização psiquiátrica, mas que a psiquiatria, enquanto pensamento objetivante do tipo cartesiano, não pode tematizar, nem mesmo "pressupor" no sentido preciso da palavra. Esse incontornável não é um a priori teórico da psiquiatria justamente por não ser algo objetivável, acessável a título de um objeto de representação. Trata-se de um prévio cujo sentido revela-se indizível para o pensamento teórico da tradição metafísica e científica (LOPARIC, 1988, p. 31).

O ser-no-mundo implica que este elemento é um fenômeno produzido pelo fato de o ente *Dasein* estar situado no mundo. O fenômeno *Dasein* surge nesta relação. Como fenômeno ele se dá a ver, se presentifica, mas não pode ser reduzido a algo conhecido. Com isso, o filósofo propõe uma mudança paradigmática na psicologia, psiquiatria e na psicanálise.

À luz dessas observações sobre a modo de proceder que caracteriza a tradição intelectual dominante do Ocidente, o incontornável da psiquiatria (e da psicanálise), nomeado por de Heidegger, não é nem teorizável, nem contemplável, nem tratável, nem objetivável e, por isso, não é dizível na linguagem da ciência (LOPARIC, 1988, p. 31).

A mudança paradigmática de Heidegger terá um dos aspectos de que o constructo *Dasein* não define, de forma precisa, o que é seu objeto. A psicologia, a psiquiatria e a psicanálise, como ciências que estudam a psique, não podem mais pensar que seu conhecimento está fundamentado em um objeto bem definido, bem delimitado dentro dos conceitos. Quando o filósofo propõe o *Dasein*, ele não irá pela via complexa de desejar dar uma definição precisa do ser. A mudança de

olhar de Heidegger permite que o *Dasein* seja uma explanação do "como" é o ser, de que forma o ser se predica.

A fenomenologia de Heidegger não tem a intenção de falar sobre o "quê" das coisas, mas do "como". Heidegger não tem a intenção de dizer o que é o ser, nem o que é o *Dasein*, mas como são, como se apresentam. É esse "como" que nos mostra toda a complexidade do *Dasein* e sua importância para caminharmos para uma compreensão do ser (ARAUJO, 2014, p. 203-204).

O *Dasein* é o campo das possibilidades, pois ali onde o ser acontece é que ele pode ser compreendido em seu acontecimento. Me parece que o caminho da definição de Heidegger do *Dasein* será este duplo campo. Primeiro, o ser comporta em si mesmo todas as possibilidades, sendo infinito nas formas em que ele pode vir a ser. Portanto, ele de forma alguma pode ser objetificável, pois as possibilidades não podem ser podadas pela definição de um conceito. Segundo, é no acontecimento do "aí", do *Da*, que o ser se revelaria em sua possibilidade que aconteceu. Por isso podemos compreender o ser neste instante em que ele é. Compreendemos a possibilidade que acontece. Podemos então objetificar, não o ser, mas o acontecimento do ser

O *Dasein* lida com sua existência de forma totalmente jogada, onde tudo é possibilidade e nada está pronto. Sendo assim, tudo é possibilidade no "sendo" do *Dasein*. Como nada está pronto para a presença, ela só se compreende sendo/existindo. Tal compreensão de ser é em si mesma uma compreensão de ser do *Dasein*, como Heidegger descreve, e nenhum ente traz em si essa determinação. Isso já deixa claro a importância da presença na questão do ser (ARAUJO, 2014, p. 204).

O *Dasein* tem a característica de revelar o ser como fenômeno neste ponto privilegiado que é o "aí", onde corresponde ao ponto que ocorre sua abertura, o instante. Seu acontecer é no campo de sua existência dentro do mundo, portanto, seu aspecto de ser-no-mundo. Não cabe fazermos a diferenciação entre o ser e o mundo ou definir a forma como se caracteriza essa relação, porque o objeto tratado é a própria relação. Os dois elementos do ser e do mundo são indefiníveis. Somente produzimos uma compreensão da

relação de ambos. É necessário fazer uma desconstrução dos objetos estáticos que engessam os fenômenos psicológicos.

A desconstrução implica, portanto, na "reconstrução", isto é, na elaboração de uma fenomenologia da acontecência do estar-aí (desde a gravidez, a relação mãe-bebê e a infância até a constituição da vida adulta), da saúde, da doença, da relação terapêutica e da cura, fenomenologia que até o presente momento não foi elaborada por ninguém (LOPARIC, 1988, p. 29).

Desconstruir a psicanálise passa por um repensar sua técnica. Como foi demonstrado anteriormente, esta técnica será onde Freud deposita os alicerces mais vigorosos da psicanálise. É necessário procurar remontar suas fundações, evitando que o *Dasein* heideggeriano seja apreendido dentro de um reducionismo mecanicista.

A desconstrução característica da segunda fase, se aplicada à psicanálise, pede outra coisa. Ela pede que sejam identificados os destinamentos do ser, depositados nos grandes livros da metafísica ocidental, que fizeram com que o existir humano, essencialmente questionável, de que tratam os psicanalistas, tenha passado a vigorar como um existir dessa ou daquela maneira positiva e objetiva, por exemplo, como um processo mecânico. Essa tarefa redutiva se completa por uma adicional, a que visa substituir, no estudo do homem, os modos de teorizar característicos da psicanálise por um *modo de pensar e de conhecer* radicalmente diferente (LOPARIC, 1988, p. 30, grifo do autor).

O maior perigo de reducionismo do *Dasein* parece se encontrar em uma objetividade realizada nos fenômenos psíquicos. As explicações freudianas preenchem a lacuna que permitem uma compreensão total do fenômeno: nada é ao acaso, tudo será obra do inconsciente

De acordo com a perspectiva heideggeriana, a metapsicologia foi erigida a partir de um modelo de fazer ciência avalizado pelo pensamento neokantiano e ancorado nos pressupostos procedimentais das ciências da natureza. O filósofo alemão sintetiza a sua principal crítica à metapsicologia freudiana no seguinte trecho: A metapsicologia de Freud é a transferência da filosofia neokantiana para o homem. Por um lado, ele [Freud] tem as ciências naturais e, por outro, a teoria kantiana da objetividade. Ele [Freud] também postula para os fenômenos humanos conscientes a ausência de lacuna na explicabilidade, isto é, a continuidade das con-

xões causais. Por não haver isso "na consciência" ele precisa inventar "o inconsciente", no qual tem de haver a ausência de lacuna de conexões causais. O postulado é a explicabilidade da vida psíquica, onde explicar e compreender são identificados. Este postulado não é tirado do próprio fenômeno psíquico, mas ele é o postulado da ciência natural moderna. O que em Kant é aquilo que transcende a percepção, por exemplo, o fato de que a pedra fica quente *porque* o sol brilha [princípio da causalidade], em Freud é "o inconsciente" (HEIDEGGER, 2009, p. 247 apud FERREIRA, 2017, p. 128).

Heidegger identifica corretamente que permanece na psicanálise o viés cientificista, que transforma todo fenômeno em um objeto dentro da sua explicabilidade – não necessariamente dentro da compreensão dele. Talvez possamos entender esse hiato ao observar que a interpretação freudiana, de cunho explicativo, acontece sempre depois que o fenômeno do inconsciente realizou toda sua trajetória. Freud sempre interpreta o que já aconteceu, será sempre uma mecânica do inconsciente que foi finalizada. Entender a lógica do inconsciente nunca permitiu ao psicanalista antever que caminhos esse fenômeno irá percorrer – não há premonição do inconsciente.

Considerações finais

As teorias freudianas são tecidas a partir dos atendimentos clínicos. Visam descrever os fenômenos que estão acontecendo assim como estabelecer uma metodologia que dê conta das psicopatologias. Essa visão é necessária para entendermos que a psicanálise é todo um campo de conhecimento construído para dar conta da terapêutica dessas psicopatologias. Ela é por natureza mecânica, fazendo o reducionismo do fenômeno para que ele possa ser habilmente manejado para uma direção terapêutica. Esse manejo é a primazia da técnica como objetivo principal da psicanálise. Sua metapsicologia visa aprimorar e refinar a técnica, sendo concebida para exercer essa função mais do que servir de elocubrações explicativas.

Como Freud parte da clínica, ele não faz uma crítica diretamente aos conceitos metafísicos estabelecidos, mas ele repensa estes concei-

tos a partir das questões que o trabalho clínico lhe imputa. São conceitos operacionais visando manter o bom andamento da técnica.

Esmiuçamos o constructo *Dasein*, o ser-aí. Ele representa uma clareira de compreensão onde o ser pode ser capturado nesse instante do "aí". Ele não pode ser objetivado, pois sempre é uma captura de um momento singular. O *Dasein* vai simbolizar a forma do ser-no-mundo. Essa existência inserida no mundo é a essência do ser humano, mas não pode ser capturada como algo estanque e imutável. Assim o homem, na teoria do *Dasein*, tem que ser entendido como uma possibilidade de capturar este momento em que o ser se apresenta nesta abertura.

O *Dasein*, como anterior ao campo destrinchado por Freud, possibilita uma desconstrução e reconstrução de todo um campo metafísico, possibilitando abrir novos horizontes ao pensarmos a fenomenologia do inconsciente para além de sua apreensão na mecânica da técnica psicanalítica.

Em conclusão, muitos pontos levantados por Freud precisam ser reformulados à luz do novo paradigma que foi estabelecido pelo conceito do *Dasein*. Freud demonstra que a consciência não é o centro do ser humano. Demonstra que os processos inconscientes têm prevalência na psique. Além disso, a lógica inconsciente que determina e mantém as psicopatologias também será a forma como o homem é no mundo, seu ser-no-mundo. Para Freud, este se dá pelo sintoma.

Pela lógica do inconsciente, Freud quer dar uma explicação causalista para o fenômeno do funcionamento da mente humana. Mas pelo conceito do *Dasein* fica claro que a mente humana seria irreduzível a uma objetificação. O constructo *Dasein* rompe também, assim como a psicanálise, essa consciência soberana do homem. Heidegger vai além de Freud ao deixar o fenômeno em aberto, no seu aparecer, na sua essência de desconhecido, fugindo de um possível reducionismo do fenômeno como acontece quando ele é objeto da tecnicidade psicanalítica.

Referências

ARAUJO, Marcos Vinicius Gomes de. Uma breve compreensão sobre o *Dasein* de Heidegger. *Revista Lampejo*, Fortaleza, n. 6, p. 200-206, 2. sem. 2014. ISSN 2238-5274. Disponível em: http://revistalampejo.apoe-nafilosofia.org/?page_id=637. Acesso em: 22 maio. 2022.

FERREIRA, Vitor Duarte; RIBEIRO, Caroline Vasconcelos. A metapsicologia freudiana: uma leitura heideggeriana. *APRENDER – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, Vitória da Conquista, n. 18, ano XI, p. 116-141, jul./dez. 2017. ISSN 2359-246X. <https://doi.org/10.22481/aprender.v0i18.3651>.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II (1914). In: STRACHEY, James (ed.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII, p. 107-120. [*Erinnern, wiederholen und durcharbeiten*].

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: STRACHEY, James (ed.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII, p. 3-42. [*Jenseits des Lustprinzips*].

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). Editor inglês James Strachey. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXIII, p. 135-164. [*Die endliche und die unendliche analyse*].

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo* (1927). Tradução de Fausto Castilho. Petrópolis: Editora Unicamp: Vozes, 2012. [*Sein und Zeit*].

HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon* (1987). Editado por Medard Boss. Traduzido por Gabriela Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. [*Zollikoner Seminare: Protokolle - Gersprache – Briefe. Herausgegeben von Medard Boss*].

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o problema do ser* (1955) / *O caminho do campo* (1949). Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969. [*"Über die Linie", Freundschaftliche Begegnungen: Festschrift für Ernest Jünger zum 60. Geburtstag; Zur Seinsfrage em Wegmarken*] [*Der Feldweg*].

LOPARIC, Zeljko. Psicanálise: uma leitura heideggeriana. *Veritas*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 25-41, mar. 1988. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.1998.1.35392>.

STEIN, Ernildo. *Anamnese: a filosofia e o retorno do reprimido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

STEIN, Ernildo. *Analítica existencial e psicanálise: Freud, Binswanger, Lacan, Boss-conferências*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

STEIN, Ernildo. *Seis estudos sobre "Ser e tempo"*. Petrópolis: Vozes, 2005.

José Jacques dos Santos

Especialista em Psicanálise: técnica e teoria pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Psicólogo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, RS, Brasil. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

José Jacques dos Santos

Rua Ramiro Barcelos, 1517, sala 212

Floresta, 90035-006

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.